

CORPO TRANS-POLÍTICO: GÊNERO E RESISTÊNCIA DE LINN DA QUEBRADA NO DOCUMENTÁRIO BIXA TRAVESTY

Juan Carlos Vasconcelos Almeida¹
Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira²

RESUMO

O presente artigo analisa o documentário *Bixa Travesty* (2019), centrado na trajetória de Linn da Quebrada, a fim de compreender como sua performatividade de gênero se afirma como instrumento político e subversivo das normas cisheteronormativas. A pesquisa justifica-se pela urgência em visibilizar corpos trans, negros e periféricos, frequentemente marcados pela precarização, pela violência estrutural e pela invisibilidade social. A metodologia adotada é qualitativa e comparativa, baseada na análise dialógica entre referenciais teóricos e o recurso documental, identificando pontos de inflexão na construção da subjetividade de Linn. O estudo fundamenta-se em autoras e autores como Agamben (2007), Collins (2019), Lauretis (2019) e Sibilia (2008), estabelecendo um diálogo interdisciplinar que articula gênero, raça e classe. Ao examinar a obra, evidencia-se a potência da arte como espaço de resistência e transformação social, contribuindo para a ampliação dos debates acadêmicos sobre identidades dissidentes e políticas de gênero.

Palavras-chave: Gênero; transgeneridade; performatividade; subjetividade; documentário.

TRANS-POLITICAL BODY: GENDER AND RESISTANCE OF LINN DA QUEBRADA IN THE DOCUMENTARY BIXA TRAVESTY

ABSTRACT

This article analyzes the documentary *Bixa Travesty* (2019), centered on the trajectory of Linn da Quebrada, to understand how her gender performativity asserts itself as a political and subversive instrument of cisheteronormative norms. The research is justified by the urgent need to make visible trans, Black, and peripheral bodies, often marked by precariousness, structural violence, and social invisibility. The methodology adopted is qualitative and comparative, based on a dialogical analysis between theoretical frameworks and documentary

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: juanlpvalmeida@gmail.com

² Docente e Pós-Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN. E-mail: pamella_rochelle@hotmail.com.

resources, identifying turning points in the construction of Linn's subjectivity. The study draws on authors such as Agamben, Collins, Lauretis, and Sibilia, establishing an interdisciplinary dialogue that articulates gender, race, and class. Examining the work, the power of art as a space for resistance and social transformation is highlighted, contributing to the expansion of academic debates on dissident identities and gender politics.

Keywords: Gender; transgenderism; performativity; subjectivity; documentary.

INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por transformações profundas nas compreensões de gênero, transgeneridade e performatividade, desafiando paradigmas binários e essencialistas. A arte e a cultura emergem como lentes potentes para analisar as dinâmicas de poder, resistência e transformação social. A escolha do documentário *Bixa Travesty* (2019), focado na trajetória de Linn da Quebrada, cantora e *performer* transexual negra, oferece um recorte muito oportuno para analisar as intersecções complexas entre gênero, raça e classe no Brasil. A figura de Linn personifica a luta pela desconstrução de estereótipos, evidenciando as violências estruturais e os desafios enfrentados por mulheres negras, pobres e trans.

A relevância científica e social desta análise reside em sua contribuição para o espaço acadêmico, ao lançar luz sobre as complexas camadas de opressão e as estratégias de resistência de corpos trans, políticos e dissidentes. O documentário funciona como um prisma para examinar a construção social do gênero, a racialização dos corpos, a precarização da vida trans e as possibilidades de transformação social através da arte.

No cenário brasileiro, a urgência de uma análise interseccional como a proposta neste trabalho é inegável. O Brasil, um país marcado por profundas desigualdades sociais, históricas e estruturais, apresenta um cenário no qual as questões de gênero, raça e classe se entrelaçam de maneira particularmente perversa, produzindo violências e marginalizações que afetam desproporcionalmente populações como as mulheres trans negras e periféricas.

A invisibilidade e a desumanização dessas vidas são reflexos de um sistema que opera para manter privilégios e hierarquias, silenciando vozes e apagando existências. Nesse sentido, o documentário *Bixa Travesty* (2019) não é apenas uma obra de arte, mas um documento social que expõe as entranhas de uma realidade brutal, ao mesmo tempo em que celebra a resiliência e a potência de quem resiste

Deste modo, este trabalho justifica-se pela urgência em ampliar as vozes de grupos marginalizados, promovendo uma compreensão mais profunda e inclusiva das identidades de gênero não cisnormativas. Em um contexto de ataques aos direitos trans e intensificação das violências, a academia deve se posicionar criticamente, contribuindo para conhecimentos que descrevam e transformem essas realidades.

Dito isto, este trabalho segue o fio da problemática: como a performatividade de gênero de Linn da Quebrada se afirma como instrumento político no documentário *Bixa Travesty*? Para satisfazer o questionamento, buscou-se, de maneira geral,

compreender como a construção da subjetividade de gênero de Linn se manifesta também como um processo político de transformação do próprio conceito de gênero.

Seguindo essa perspectiva, foram empregadas ações específicas destinadas a: análise de obras que tratassem das temáticas de gênero, imagem e construção da subjetividade; categorização dos conceitos relacionados à construção subjetiva de gênero no arcabouço teórico, e posterior; identificação dos pontos de inflexão e convergência a partir das narrativas do documentário *Bixa Travesty* (2019).

Para tanto, a metodologia adotada consiste em uma análise comparativa de caráter qualitativo, com foco na perquirição dialógica das obras selecionadas, identificando pontos convergentes para a análise dos processos de construção da subjetividade de gênero, bem como seus pontos de inflexão e mecanismos intrínsecos de influência (Franco, 2000). A abordagem implica na análise das teorias não de forma passiva, mas questionando-as em contraposição, ou conveniência, à realidade retratada no recurso documental sob das lentes das relações raciais, de gênero e dos respectivos contextos históricos nos quais foram produzidas.

A seleção de autores como Giorgio Agamben (2007), Patricia Hill Collins (2019), Teresa de Lauretis (2019) e Paula Sibilia (2008), visa construir um diálogo que caminha em direção à complexidade própria do fenômeno que se propõe abordar. Sua escolha advém, bem como a raiz deste excerto, das discussões proporcionadas pela disciplina de Imagem, Cultura e Subjetividade, cursada por este autor durante o mestrado em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

Ademais, Agamben (2007) oferece instrumentos para pensar a construção da identidade, tecendo debates sobre o ser, a espécie e a imagem. Collins (2019), para compreender as opressões interseccionais, fundamentadas em marcadores sociais de raça, classe e gênero que perpassam a experiência analisada. Lauretis (2019) contribui de forma principal auxiliando na compreensão da performatividade do gênero como fruto de experiências do indivíduo, partindo do entendimento deste fenômeno como construção multisetorial (política, social, cultural, e portanto, plural). Por fim, Sibilia (2008), para entender as novas formas de subjetivação contemporâneas, através da reprodução do eu nas tecnologias midiáticas.

Paralelamente, realizou-se uma análise minuciosa do documentário *Bixa Travesty* (2019), com destaque para trechos relevantes selecionados e categorizados de acordo com as temáticas que dialogam diretamente com os conceitos teóricos previamente estabelecidos. A correlação entre a teoria e a experiência vivencial retratada na fonte audiovisual compõe o cerne do desenvolvimento, no qual cada conceito será discutido com base nas experiências e discursos de Linn da Quebrada.

DESENVOLVIMENTO

O documentário *Bixa Travesty* (2019) transcende sua função de registro artístico para se consolidar como uma ferramenta analítica e transformadora. A forma como a narrativa é construída, alternando entre a intimidade de Linn e sua performance

pública, permite uma imersão profunda nas complexidades de sua identidade e de sua luta.

O filme não se limita a apresentar uma história, mas convida o espectador a refletir sobre suas próprias concepções de gênero, corpo e sociedade. A câmera não é apenas um instrumento de captação, mas um dispositivo que provoca, questiona e desestabiliza. Ao capturar a esfera pública e privada de Linn, o documentário revela como ambas são marcadas não só por sua presença de palco inusitada, mas também por sua incessante luta pela desconstrução de estereótipos.

A dualidade entre a vulnerabilidade e a força de Linn representada desde suas performances energéticas no palco, até suas inseguranças e luta contra o câncer, é apresentada de forma crua e autêntica, desmistificando a figura da artista e revelando a pessoa por trás da persona. Essa abordagem humaniza a experiência trans, permitindo que o público se conecte com a dor, a alegria, os desafios e as vitórias de Linn de uma forma que transcende o sensacionalismo ou a erotização tipicamente associada a corpos trans.

O documentário, portanto, não é apenas sobre Linn, mas sobre a experiência humana em sua diversidade e complexidade. Além disso, a escolha estética e narrativa do documentário contribui para a sua potência transformadora. A linguagem visual, a trilha sonora, os cortes de diálogo direto e a edição criam uma atmosfera que amplifica a mensagem de Linn, tornando-a acessível e próximo ao telespectador. O filme não apenas apresenta pautas de gênero essenciais à contemporaneidade, como também emociona e inspira, provocando uma reflexão profunda sobre as normas sociais e as possibilidades de resistência.

O ser especial e a performatividade do corpo travesti

Inicialmente, ver o documentário *Bixa Travesty* (2019) com a criticidade oferecida por Giorgio Agamben (2007), em sua obra *Profanações*, sob a ótica do conceito de "ser especial", nos compele a refletir a respeito da construção da identidade e da performatividade de Linn da Quebrada. O conceito agambeniano, elaborado a partir de uma reflexão sobre a natureza das imagens nos espelhos medievais, revela-se surpreendentemente contemporâneo e aplicável à análise das performances de gênero não-normativas.

O autor postula que o "ser especial" se manifesta como uma "espécie", uma visibilidade cuja essência coincide com seu "dar-se a ver" (Agamben, 2007, p.46). Esta formulação é particularmente relevante para compreender a performance de Linn, uma vez que sua presença de palco e sua figura pública são intrinsecamente ligadas a essa manifestação do caráter desviante ou insubversivo à imposição dos estereótipos de gênero heteronormativos.

A artista, ao se apresentar como "bicha travesti", não apenas se expõe, mas também se constitui em um ato contínuo de visibilidade, desafiando as categorias pré-estabelecidas de gênero e sexualidade. A música *A lenda* (2017) interpretada por Linn no documentário, exemplifica de forma paradigmática essa dinâmica de dar-se a ver:

"Eu tô bonita? Tá engraçada. Eu não tô bonita? Tá engraçada. Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas até agora só deram risada (ha-ha)" (A lenda, 2017). A letra revela a tensão fundamental entre o desejo de ser vista, reconhecida e validada, e a recepção social que frequentemente objetifica, ridiculariza ou nega a legitimidade de sua performance de gênero.

Esta tensão é constitutiva do que Agamben denomina como a experiência do espelho, onde descobrimos simultaneamente que temos uma imagem e que ela pode ser separada de nós. Agamben desenvolve uma reflexão profunda sobre o espelho como o lugar onde se descobre a imagem, mas também onde se percebe que essa imagem não nos pertence completamente (Agamben, 2007, p.46). Esta reflexão ganha contornos particulares quando aplicada à experiência trans, onde a relação com a própria imagem é frequentemente marcada por processos complexos de reconhecimento e estranhamento.

[...] eu fiz a minha música justamente como arma pensando que o primeiro alvo era eu. Novamente o espelho, novamente eu. Que até então, como muitas, tantas outras como nós temos os paus apontados para as nossas próprias cabeças. Então, eu atirei, acertei, venho acertando, porque minha música continua sendo um alvo pra mim, porque ali, é nela que eu desconstruo também o meu desejo (Bixa Travesty, 2019).

Ao fazer uma analogia da música como arma, cujo alvo é a si mesma, a cantora demonstra uma consciência aguda desse processo de confronto com a própria imagem. A música, para Linn, funciona como um espelho que reflete não apenas o que ela é, mas o que ela deseja ser e o que ela está se tornando. É um espelho ativo, que não apenas reflete, mas também molda e transforma, como um instrumento de desconstrução do desejo internalizado, um meio de reaver a posse de sua "espécie" no sentido agambeniano (Agamben, 2007).

Através de suas composições e performances, ela não apenas se apresenta ao mundo, mas ativamente constrói e reconstrói sua própria visibilidade, resistindo às tentativas de captura e fixação de sua identidade, e aproximando-se do "ser especial", que é, sobretudo, comum, não diferenciado, sendo essa percepção não discriminatória, seu objetivo (Agamben, 2007, p. 47).

O conceito agambeniano de "pessoa" como originariamente uma "máscara", a captura da espécie e sua vinculação a uma substância para possibilitar a identificação, oferece um recorte interpretativo para compreender que a resistência de Linn não se dirige apenas contra normas específicas de gênero, mas contra o próprio processo de redução do "especial" ao "pessoal" e ao "substancial" (Agamben, 2007, p. 48). Se posicionando contra esse movimento de aprisionar o que seria algum tipo de essência em um invólucro com contornos pré-definidos, como no trecho:

Eu queria que as pessoas olhassem pra mim e não tivessem dúvida que eu não sou um homem, sabe? Que olhassem pra mim, mesmo que elas não soubessem exatamente o que eu sou, elas não olhassem pra mim e vissem [...] eu não pareço um homem, não é bebete? Nós não parecemos homens, nós não nos comportamos como homens, como machos, enfim, não que todos os homens sejam machos, mas eu acho que a gente não se comporta assim, a gente não age assim, a gente não se veste assim (Bixa Travesty, 2019).

A máscara, para Agamben, não é apenas um disfarce, mas um dispositivo que permite a identificação e a atribuição de uma "pessoa" a um "ser especial". No entanto, Linn da Quebrada subverte essa lógica. Sua "máscara", sua performance de gênero, sua estética, sua arte, não busca fixar uma identidade, mas, ao contrário, desestabilizá-la (Agamben, 2007).

Ela usa a máscara para revelar a artificialidade da própria ideia de "pessoa" e para abrir espaço para a fluidez e a multiplicidade. A performance de Linn, nesse sentido, é um ato de desmascaramento, que revela a contingência das categorias de gênero e a possibilidade de construir novas formas de ser e de existir.

Quando Linn recusa se enquadrar em padrões binários de gênero, como expresso na fala acima, ela está resistindo ao que Agamben denomina como o "pecado original" da cultura ocidental, que para promover a personalização, em termos de identidade, sacrifica o especial, aprisionando o distinto no espaço do pessoal, em uma caixa com rótulo descrito "diferente", que será cumulada a outras caixas com outros rótulos (Agamben, 2007, p. 48).

De forma subversiva a essa classificação compulsória de gênero e identidade, e em congruência com o "ser especial" agambeniano, Linn compreende seu espaço de constante transformação, não cabendo em caixas, muito menos restrita a rótulos. Reconhece a sua performatividade como algo diluído e ao mesmo tempo composto por esse processo constante de mudança. Como diria Agamben, "um rosto, um gesto, um evento – que, não se assemelhando a *nenhum*, se assemelha a *todos os outros*" (Agamben, 2007, p. 48). Ao recusar as categorias disponíveis e criar novas formas de visibilidade, Linn encarna essa paradoxal universalidade do especial.

Pensando especificamente sobre a sua arte, a reflexão agambeniana sobre a "espécie" como "intentio", que significa a tensão interna que impele cada ser a se fazer imagem, a se comunicar e a se manifestar no mundo (Agamben, 2007, p. 47). Encontra eco na maneira como Linn da Quebrada utiliza sua arte como meio de comunicação e transformação social.

Suas performances não são apenas expressões individuais de sua subjetividade, mas atos políticos que visam comunicar novas possibilidades de existência, desafiar as normas sociais estabelecidas e inspirar outras pessoas a questionarem as categorias que as aprisionam. Em suma, profanar com a ordem sacralizada da dualidade de gênero. Essa profanação, contudo, distanciando-se do significado referente à raiz judaico-cristã, de desonrar ou macular algo tido como sagrado, se aproxima da

perspectiva de Agamben ao “restituir ao uso comum o que havia sido separado na esfera do sagrado” ou intocável (Agamben, 2007, p. 64).

No contexto das identidades de gênero, as normas binárias e as categorias fixas de masculinidade e feminilidade são frequentemente sacralizadas, tornando-se intocáveis e inquestionáveis, como fruto da herança religiosa judaico-cristã que opera fortemente na construção da cultura brasileira. O corpo travesti, em sua existência e visibilidade, profana essa sacralidade, devolvendo ao campo do uso comum a possibilidade de múltiplas expressões de gênero. Linn, ao se apresentar como "bicha travesti", não apenas desafia a norma, mas a desativa, tornando-a inoperante em seu próprio corpo e em sua performance de gênero (Butler, 2018).

Então eu percebo que a tática, essa sua tática também pode ser corrompida, e também pode ser usufruída por nós, pelo feminino, nós podemos aprender, nós vamos invadir esses espaços, nós vamos prender as suas técnicas e nós vamos melhorá-las. Nós vamos aprimorá-las e vamos usá-las entre nós, vamos usar uma rede de apoio entre nós, vamos aprender a lutar, vamos pegar em armas, vamos pegar nos nossos corpos como armas. E aí, o jogo vai virar pra vocês, e eu não quero estar na pele de vocês (Bixa Travesty, 2019).

Referindo-se implicitamente às práticas de opressão de gênero, e demais formas de discriminação, como homofobia e transfobia, Linn fala dessa apropriação, ou melhor, dessa profanação que se manifesta de diversas formas em sua trajetória. Primeiramente, na própria linguagem. Ao se autodenominar "bicha travesti", Linn ressignifica termos que foram historicamente utilizados de forma pejorativa, transformando-os em marcadores de identidade e empoderamento.

Essa apropriação e ressignificação da linguagem é um ato de profanação, pois retira das palavras seu poder de estigmatizar e as devolve ao uso comum com um novo significado, carregado de agência e resistência. A linguagem, nesse sentido, torna-se um campo de batalha onde a profanação opera para desconstruir as narrativas dominantes (Agamben, 2007).

Em segundo lugar, a profanação ocorre na visibilidade do corpo. Em uma sociedade que busca invisibilizar ou patologizar corpos trans, a simples aparição de Linn da Quebrada em espaços públicos, seja nos palcos, na televisão ou nas redes sociais, é um ato de profanação. Ela torna visível o que se desejava manter oculto, forçando a sociedade a confrontar a existência de identidades que desafiam suas categorias.

Essa visibilidade não é passiva, mas sim performática, que se constitui através da arte, da música e da militância. O corpo de Linn, ao se expor, profana a norma da invisibilidade e da vergonha, restituindo ao corpo travesti sua dignidade e sua potência, invadindo e tomando para si o espaço do comum.

Ainda, em terceiro lugar, a profanação se estende à dimensão do desejo e do afeto. Em uma sociedade que normatiza as relações afetivas e sexuais, e erotiza os

corpos trans, comumente associando-os à prostituição e promiscuidade sexual, a busca de Linn por afeto genuíno e sua recusa em se submeter à objetificação de seu corpo profanam as normas do desejo.

No começo, quando eu morava lá em rio preto, o que eu mais tinha era sexo. Só que era um sexo anônimo, era um sexo onde não importava quem eu era. Era um sexo que era do banheiro, era um sexo que era do escuro, um sexo sem beijar. Um sexo onde não importasse [...] é um sexo que não tem afeto (Bixa Travesty, 2019).

Ela reivindica o direito de amar e ser amada em sua totalidade, desafiando a mercantilização do corpo e a desumanização das relações. Essa profanação do desejo é um ato de libertação, que devolve ao campo do uso comum a possibilidade de múltiplas formas de afeto e de prazer, livres de estigmas e preconceitos. A profanação, portanto, é um conceito chave para entender a radicalidade da existência e resistência de Linn da Quebrada, retratadas no documentário (Agamben, 2007).

Em última instância, a dialética do espelho na trajetória de Linn da Quebrada revela que a construção da subjetividade trans não é um processo linear ou estático, mas um movimento contínuo de (re)invenção e ressignificação. O espelho, nesse sentido, não é apenas um objeto de reflexão, mas um campo de batalha onde a identidade é constantemente negociada e performada. A arte de Linn, ao se apropriar desse espelho e ao transformá-lo em arma, oferece um caminho para a libertação e para a construção de novas formas de ser e de existir no mundo.

Imagens de controle, estereótipos e afeto

A partir do documentário, é notável como a análise de recortes temporais da vida de Linn da Quebrada, através das lentes teóricas de Patricia Hill Collins (2019), é produtiva para compreender as opressões interseccionais que moldam sua experiência. O conceito de "interseccionalidade", cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989), e desenvolvido por Collins e outras pensadoras feministas negras mesmo antes de sua denominação, é fundamental para entender como as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade não operam de forma isolada, mas se entrelaçam e se reforçam mutuamente, criando experiências únicas de opressão e resistência.

A trajetória de Linn, como mulher transexual negra e periférica, é um espaço especialmente propício para analisar essas intersecções, uma vez que sua existência encarna múltiplos marcadores sociais, tornando a construção da sua identidade um processo peculiar, alvo de estereotipagem e controle social.

As "imagens de controle" conceito central de Collins, analisam como estereótipos funcionam como mecanismos de dominação (Collins, 2019, p.151). Para Linn, esses estereótipos se articulam complexamente, combinando preconceitos de gênero (transfobia), raça (racismo) e classe (marginalização social).

Eles acham que nós deveríamos curvar a nossa cabeça e então atender essas expectativas. Então, se você quer ser mulher, tenha peito. Se você quer ser mulher, não tenha pelos. Se você quer ser mulher, seja magra. Então, se você quer ser mulher, no mínimo, você tem que atender as expectativas do que é ser mulher. E não. Não necessariamente (Bixa Travesty, 2019).

O trecho ilustra a pressão para conformidade e a resistência a essa pressão. Collins argumenta que a objetificação do "Outro" é fundamental para o pensamento binário ocidental (Collins, 2019, p.152). Linn, como mulher trans negra, encarna múltiplas categorias do "Outro", intensificando a objetificação e a dificuldade de resistência. Apesar disso, ela insiste em subverter esses mecanismos de controle e buscar formas distintas de se reconhecer e se expressar, passando inclusive por enfrentamentos dentro da própria comunidade LGBTQI+.

Esse lugar que eu tô, nessa invenção, é o lugar que eu chamo de bicha travesti né? Que é uma travesti, é feminino, mas também tem um lugar de bicha, que não é uma mulher o que eu sou, é esse lugar que é bixa travesty. E as gays, elas gostam de boy né? De homens [...] Não é um espaço que elas cultivam pelo feminino (Bixa Travesty, 2019).

A autodefinição de Linn como "bixa travesty" é uma estratégia de resistência que reafirma o direito de definir a própria realidade. As imagens de controle persistem, combinando estereótipos sobre mulheres negras, pessoas trans e periféricas, limitando suas possibilidades. Sua capacidade de subverter essas imagens e criar novas narrativas transforma a arte em ferramenta de luta política. Essa resistência de Linn, via música e performance, demonstra que mesmo diante da injustiça ainda há espaço para subversão, mas isso ocorre, sobretudo, devido aos seus privilégios de visibilidade, que conferem um espaço, mesmo que limitado e questionado, em meio às instituições de poder (Collins, 2019).

Nesse sentido, o conceito de "*outsider within*" trazido por Collins oferece uma perspectiva crucial para compreender a posição de Linn da Quebrada na sociedade e no cenário artístico. Collins descreve o "*outsider within*" como indivíduos que, por sua posição marginalizada, possuem uma visão privilegiada das estruturas de poder, ao mesmo tempo em que estão inseridos nelas (Collins, 2016).

Linn, como artista reconhecida, possui visibilidade e acesso a espaços que muitas pessoas trans e negras não têm. No entanto, sua identidade como mulher trans negra e periférica a mantém em uma posição de marginalidade em relação às normas hegemônicas. Essa dualidade permite que ela atue como uma crítica interna, desvelando as contradições e as violências do sistema.

Essa posição de “intrusa” confere a Linn uma autoridade epistemológica única. Sua experiência vivida, combinada com sua capacidade de articulá-la artisticamente, a torna uma voz poderosa na luta por justiça social. Ela não fala apenas sobre a opressão, mas a encarna e a subverte através de sua performance.

Essa visibilidade em espaços de poder, contudo, não possui proporcional influência quando se trata das relações afetivas, próprias ao espaço da intimidade, sem deixar de, simultaneamente, possuir uma face política, especialmente ao se tratar de corpos trans. Collins (2019) contribui para compreender como os sistemas de dominação buscam corromper a capacidade de amar e de estabelecer relações afetivas genuínas.

O "erótico como poder", conceito inspirado em Audre Lorde, reside na energia vital das relações afetivas, fundamental para a resistência política (Collins, 2019, p. 288). A vivência de Linn ressoa com essa perspectiva, especialmente em sua busca por afeto e afirmação do amor próprio como resistência. Sua trajetória afetiva revela como as opressões interseccionais colonizam as possibilidades afetivas, transformando o corpo em mercadoria e negando a humanidade de corpos dissidentes. Relembrando o trecho:

No começo, quando eu morava lá em rio preto, o que eu mais tinha era sexo. Só que era um sexo anônimo, era um sexo onde não importava quem eu era. Era um sexo que era do banheiro, era um sexo que era do escuro, um sexo sem beijar. Um sexo onde não importasse [...] é um sexo que não tem afeto (Bixa Travesty, 2019).

Linn expressa a dor da objetificação e da mercantilização do corpo. Essa fala ilustra a desumanização das relações, onde o corpo é reduzido a um objeto de prazer, desprovido de afeto e de conexão. A condição de mulher trans negra e periférica intensifica essa objetificação, limitando o acesso a relações humanizadas e genuínas (Collins, 2019).

A busca de Linn por reconhecimento fidedigno e relações autênticas revela uma luta contra a desumanização e pela reivindicação de sua própria humanidade. Sua narrativa sobre a dificuldade de encontrar parceiros que a vejam integralmente ilustra como a dominação opera nas relações íntimas, buscando negar a possibilidade de afeto e de felicidade para corpos dissidentes, agravado por fatores como raça e classe. Nesse cenário, relacionar-se afetivamente não é somente um movimento cotidiano de aproximação pessoal. Buscar o amor, para pessoas trans, é também um ato político.

Eu acho que é até político a gente se amar sabe? Acho que é um dever, um dever meu, ser feliz, ter dignidade, estar contente com a minha vida. Nós, enquanto travestis e mulheres pretas, e travestis brancas, e bichas, e sapatão, e bichas travestis, é um dever nosso, tá bem, ser feliz, ser amada.

[...]

Quando eu to triste eu coloco as minhas músicas pra ouvir. [...] Porque eu preciso acreditar, no meu corpo, na minha existência (Bixa Travesty, 2019).

O amor-próprio, nesse sentido, não é um ato de egoísmo, mas uma estratégia de sobrevivência e resistência, que permite manter sua integridade e sua dignidade em um mundo que busca negá-las. A música funciona para Linn como meio de reafirmar sua existência e sua potência. Sua arte é veículo para autoafirmação, cura e empoderamento.

A reflexão de Collins sobre a separação do erótico do político ganha contornos na experiência de Linn. Sua afirmação da dimensão política do amor-próprio representa uma recusa dessa separação, evidenciando que o pessoal é político e que a busca por afeto e felicidade é um ato revolucionário. O "erótico como poder" de Lorde/Collins não é só sexualidade, mas energia vital que conecta as dimensões física, emocional e espiritual (Collins, 2019).

Na trajetória de Linn, a arte é canal para essa energia, criando conexões afetivas com o público, com outras pessoas que se identificam com sua luta, com parceiros e consigo mesma. A performance de Linn é uma forma de "erótico como poder", utilizando corpo e voz para criar experiências transformadoras, que afirmam a vida e a dignidade de existências marginalizadas. Suas apresentações são rituais de afirmação, um convite à profanação das normas e à celebração da diversidade, no qual o afeto se torna uma força revolucionária.

Tecnologia de gênero e subversão

A análise da performatividade de Linn da Quebrada através da teoria de Teresa de Lauretis (2019), na obra *A Tecnologia de Gênero*, oferece instrumentos para compreender o gênero como "conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais" por uma "complexa tecnologia política" (Lauretis, 2019, p. 208).

Essa perspectiva é central para entender a performatividade de Linn como construção ativa e política de sua identidade, desafiando as normas e revelando a artificialidade das categorias de gênero. Lauretis critica concepções essencialistas, propondo o gênero como produto de tecnologias sociais, ou seja, de discursos, práticas e instituições que moldam o que entendemos por masculino e feminino. Linn, ao se autodefinir e ao performar sua identidade de forma fluida e disruptiva, evidencia o gênero como representação e construção contínua, um processo em constante devir (Lauretis, 2019).

O conceito de "tecnologia do gênero" permite compreender como as normas são internalizadas e reproduzidas, mas também como podem ser subvertidas. Linn, em seu processo de desenvolvimento subjetivo, passando por várias fases de si mesma,

revela tanto os mecanismos de enquadramento que buscam aprisioná-la em categorias pré-determinadas, quanto as possibilidades de resistência e de criação de novas formas de ser.

Linn da quebrada. Engraçado que a primeira vez que eu tinha, que eu pensei em renomear, né, curioso até isso, porque eu acho que eu já tive que me renomear algumas vezes. Agora eu tô linda quebrada, mas eu já fui lino. Eu gostava do lino. Lino era interessante. Bobinho, ingênuo. Muito novinho, né? Mas com lino também surgiu a Lara. Quando eu tinha 17 anos. A Lara que só aparecia nas noites. A Lara que ia pras festas. A Lara que fazia algumas coisas que o Lino não tinha coragem (Bixa Travesty, 2019).

Lauretis argumenta que a construção do gênero se dá por representação e auto-representação (Lauretis, 2019, p. 217). Linn personifica isso com seu processo de "renomear-se". Essa ação não é apenas uma mudança de nome, mas um ato de agência na construção da identidade, um processo dinâmico de (re)invenção que desafia as imposições externas e afirma a autonomia do sujeito.

Essa redefinição constante é uma forma de resistência contra a "ideologia do gênero", representações que buscam fixar identidades e naturalizar o que é socialmente construído. A fluidez de Linn desestabiliza essa fixação, revelando o caráter construído, artificial e contingente do gênero. Lauretis destaca o gênero, enquanto constructo, como uma "instância primária de ideologia" ou seja, como um dos primeiros e mais fundamentais sistemas de classificação que moldam nossa percepção do mundo e de nós mesmos ((Lauretis, 2019, p. 213).

A luta de Linn contra estereótipos é um confronto direto com essa tecnologia do gênero. Ao recusar conformidade, Linn desestabiliza categorias binárias e abre espaço para a multiplicidade de expressões que vão além do gênero artificialmente construído como instrumento a serviço de uma ideologia pré-determinada.

Deste modo, é imprescindível destacar que o gênero deve ser reconhecido como termo que determina esse processo, já superiormente elucidado, de representação e auto-representação. Como uma categoria perecível que sofre modificações conforme as próprias mudanças dos indivíduos e a forma como estes se reconhecem, e externam esse autoconhecimento aos demais em sua comunidade (Lauretis, 2019).

Se o gênero fosse compreendido somente como um objeto fixo, quaisquer outras formas de existência, não somente na binariedade de entre homem e mulher, mas entre a própria pluralidade de existir enquanto mulheres diversas, por exemplo, tornaria essa categoria de gênero inútil, ou pior, objeto de opressão e perseguição a tudo aquilo que for desviante, como ocorre em manifestações de ódio nos casos de transfobia.

Nós somos históricas, né? Somos nós que somos loucas, mas é claro, se não nos dão ou nos dão o mínimo possível pra nos mantermos vivas, nos dão um mínimo ou quase nenhum afeto, aí dizem que nós temos

um transtorno de identidade de gênero. Mas nós não vamos dar esse gostinho a vocês, porque eu não sou louca, posso estar louca, mas serei o meu próprio transtornar. Eu vou continuar me transtornando, me movimentando e me tornando tantas outras que já serei o transtorno para suas teses. Eu serei o transtorno aos termos que vocês criaram. Porque, desculpa, continuamos em obras, vou continuar em obras por muito tempo e o transtorno será todo de vocês, com todo prazer (Bixa Travesty, 2019).

Sua performance e existência são um "transtorno" para os termos criados, como ela afirma. Essa declaração é um manifesto de sua agência e de sua capacidade de subverter as normas. Essa postura reflete a capacidade de ver de dentro e de fora das estruturas dominantes. Como mulher trans negra e periférica, Linn ocupa uma posição que lhe permite ver as normas de gênero criticamente, desvelando seus mecanismos de poder e suas contradições.

A teoria de Lauretis (2019) sobre a construção do gênero pela representação em muito se aproxima da experiência trans, na qual a identidade de gênero é constantemente criada e recriada por experimentação e autoinvenção, pouco há referência, muito é novo, autêntico. Para Linn, suas músicas, apresentações e estética funcionam como tecnologias para construir sua identidade, desafiando as fronteiras do possível e expandindo os horizontes do que é considerado "normal". A arte de Linn, nesse sentido, é uma tecnologia de gênero que produz novas realidades, novas formas de ser e de existir, e novas possibilidades de liberdade.

A exibição do eu como ato político

A análise de Paula Sibilia (2008), em *O Show do Eu: A Intimidade como Espetáculo*, sobre a exibição da intimidade na cultura globalizada é importante para compreender a carreira de Linn da Quebrada nas dinâmicas de construção da subjetividade na era digital.

Bixa Travesty é um exemplo dessas dinâmicas, amplificando a visibilidade de Linn e reconfigurando as fronteiras entre público e privado. Sibilia analisa como as tecnologias de comunicação promovem a capitalização da criatividade e a transformação da vida em espetáculo (Sibilia, 2008, p. 14). A trajetória de Linn se insere complexamente nessa lógica, usando a música como "arma" e se expondo publicamente. No entanto, sua performance não é uma mera adesão à lógica do espetáculo, mas um ato político de resistência e autoafirmação, subvertendo as ferramentas da espetacularização para seus próprios fins.

A fala de Linn sobre a música como espelho para desconstruir seu desejo, supramencionada, demonstra agência e consciência de sua exposição. Sua exposição midiática é uma estratégia consciente de transformação pessoal e política, usando a visibilidade para promover reflexão e para educar o público sobre as realidades da vida trans, negra e periférica. Sua consciência clara dessas questões fica registrada no trecho:

Eu pude perceber como a periferia é rica e como a fazenda da Juta me instigava e me alimentava e me movimentava, pois ali eu percebia a produção de moda, a produção de estética, a produção de corpos, percebia o que estava sendo produzido estar naquele espaço e produzir coisas novas juntas, juntas com aquelas outras pessoas. De todas as quebradas que eu passei na minha primeira infância, lá em Votuporanga, lá em Rio Preto, a quebrada por onde eu passei, onde eu morava com a minha mãe, todas essas quebradas fazem e fizeram parte de mim. Então eu acho que tem essa questão geográfica, mas acho que eu penso no meu próprio corpo como esse território geográfico (Bixa Travesty, 2019).

O conceito de subjetividade "*embodied*" e "*embedded*" de Sibilia é fundamental para compreender a identidade de Linn, construída em contextos geográficos, sociais e culturais específicos (Sibilia, 2008, p. 23). Ao habitar a periferia e reconhecer seu corpo como "território geográfico", ela compreende e se apodera de sua subjetividade, forjada nas intersecções entre corpo, território e relações sociais, revelando a dimensão material e contextual de sua existência. A busca por um "espaço geográfico" é ao mesmo tempo algo interno e externo.

Eu acho que eu sou a trava que tem medo do escuro. Eu acho que é disso que eu tenho medo. Tenho medo do escuro, tenho medo de ficar sozinha, ou medo de não pertencer. Eu acho que pelo medo de não pertencer, eu acabei inventando um lugar pra mim mesma, pra que eu pertencesse pelo menos a mim. Já que não tem um lugar onde me cabe, então que eu inventasse esse espaço, um espaço que me coubesse. Mas que também é temporário, não quer dizer que eu vou caber aqui pra sempre. Logo, eu acho que vou precisar estar em outros lugares (Bixa Travesty, 2019).

A exposição do eu de Linn funciona para desconstruir estereótipos e afirmar formas de existência que desafiam normas. Sua busca por pertencimento, essa perspectiva de "inventar um lugar para mim mesma", reflete a negociação entre individualidade e coletivo, entre a necessidade de se encaixar e a coragem de criar seu próprio espaço.

A análise de Sibilia sobre a hipertrofia do eu na era digital é singular nesse ponto, já que por vezes sente-se uma necessidade das pessoas se tornarem hipervisíveis para serem reconhecidas e para terem seus direitos afirmados. A exposição midiática de Linn, nesse sentido, não é apenas uma escolha pessoal e instrumento de validação, mas também uma estratégia de sobrevivência, resistência política e criação de novas possibilidades de existência. A visibilidade se torna ferramenta de luta, rompendo o silêncio e dando voz a quem foi historicamente marginalizado (Sibilia, 2008).

Sibilia discute ainda a reconfiguração das fronteiras público/privado na era digital. Linn, ao abrir sua vida no documentário, participa dessa dinâmica de forma consciente e crítica. Sua exposição não é passiva, mas ativa, usando a plataforma para educar e inspirar, transformando a exibição em engajamento político. Ela ressignifica o privado como público e o público como político, evidenciando que a vida pessoal de uma pessoa trans e negra é intrinsecamente política (Sibilia, 2008).

Bixa Travesty (2019) é um exemplo de como a mídia pode ser usada para reflexão crítica e construção de novas narrativas, desafiando os discursos hegemônicos e promovendo a diversidade. A apropriação de Linn das ferramentas da visibilidade digital demonstra o potencial transformador da arte na era contemporânea, ao promover uma mercantilização política do eu. Sua subjetividade, exibida publicamente, torna-se um farol para a diversidade e resistência, inspirando outras pessoas a encontrarem suas próprias vozes e a lutarem pela construção dos seus próprios espaços.

CONCLUSÃO

O documentário *Bixa Travesty (2019)* é um instrumento midiático de inestimável valor para a desconstrução de estereótipos de gênero, raça e classe, funcionando como um prisma para examinar a construção social das identidades e as possibilidades de resistência e transformação. A análise, correlacionando as vivências de Linn da Quebrada com os arcabouços teóricos de Agamben (2007), Collins (2019), Lauretis (2019) e Sibilia (2008), demonstrou a potência da mídia como campo de batalha simbólica e espaço de ressignificação das identidades marginalizadas.

A obra é um manifesto visual que desafia as normas e convida à reflexão sobre a diversidade. A performatividade de Linn, caracterizada por sua constante (re)invenção e recusa em se enquadrar, emerge como manifestação paradigmática de um corpo político que profana as normas sociais e cria novas existências. Sua arte transcende a estética para ser prática política transformadora.

A produção cinematográfica, ao dar visibilidade a uma artista trans negra e periférica, contribui para a ruptura dos estereótipos e constructos que atuam como tecnologias de gênero, desmantelando narrativas simplistas. A busca de Linn por afeto e seu amor-próprio como dever político saltam aos olhos, em contraste à perspectiva marginalizada aos quais corpos trans e mulheres negras são historicamente delegadas.

Este trabalho, ao se debruçar sobre a complexidade da trajetória de Linn da Quebrada e a riqueza do documentário, abre caminhos para futuras pesquisas e aprofundamentos. A análise interseccional aqui empreendida pode ser expandida para incluir outras categorias de análise, como a religiosidade, a espiritualidade e a relação com a ancestralidade, que são elementos importantes na vida de muitas pessoas negras e trans. Além disso, seria relevante investigar o impacto do documentário em diferentes públicos, analisando como a obra é recebida e interpretada por comunidades diversas, e como ela contribui para a mudança de percepções e atitudes em relação às identidades de gênero não-normativas.

Por fim, reafirmo a necessidade da academia estar conectada com pautas como esta, que dizem respeito sobretudo a difusão de conhecimento, nesta seara, acerca da pluralidade de corpos e formas de existir. Por meio deste trabalho, assumo parte deste compromisso em proliferar a perspectiva do gênero enquanto categoria destinada a promover a compreensão e recepção das peculiaridades de cada existência, e não promover a desintegração ou o ódio. Que a experiência de vida de Linn da Quebrada nos sirva de exemplo, para amar e compreender o nosso processo de desenvolvimento subjetivo, de quem nós somos, e como nos representamos. Para que um dia, todos possam cumprir seu dever político de existir, ser e amar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selene Carvalho. São Paulo: Boitempo, 2007.

A Lenda. Intérprete: Linn da Quebrada. Compositor: Linn da Quebrada. In: Linn da Quebrada no Estúdio Showlivre (Ao Vivo). Intérprete: Linn da Quebrada. Local: Supershow, 2017. Mídia digital (3:39 min.). Disponível em: <https://youtu.be/g3w-t585D54>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BIXA Travesty. Direção: Claudia Priscilla; Kiko Goifman. Produção: Kiko Goifman; Evelyn Mab. São Paulo: FiGa Films, 2019. Mídia digital (75 min.). Disponível em: <https://filmesgays.net/movies/bixa-travesty>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Coleção sujeito & história. Tradução de Renato Aguiar. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e o Poder da Empatia**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Tradução de Juliana de Castro Galvão. Revisão Joaze Bernardino Costa. Revista sociedade e Estado, v. 31, n. 1, 2016, p. 99-127.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, Chicago, v. 1989, p. 538-554, 1989. Disponível em: https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8/?utm_source=chicagounbound.uchicago.edu%2Fuclf%2Fvol1989%2Fiss1%2F8&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. Acesso em: 15 ago. 2025.

FRANCO, M. C. **Quando nós somos o outro**: Questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados. *Educação e Sociedade*, ano XXI, n. 72, Agosto, 2000.

LAURETIS, Teresa de. **A Tecnologia do Gênero**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista: Conceitos e Perspectivas*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: A Intimidade como Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.